

SENTIDOS E SIGNIFICADOS DAS PRÁTICAS DE LETRAMENTO NO/PARA O GRUPO PISADINHA DO PÉ FIRME

Olandiara de Aragão dos Santos¹

Resumo: O presente trabalho é parte de um estudo investigativo que tem como colaboradores da pesquisa, os sambadores do grupo de samba de roda *Pisadinha do pé Firme de Irará-BA*. Esse estudo procura compreender como se relacionam as práticas e eventos de letramentos no/do grupo citado à construção identitária dos sujeitos sambadores e os sentidos dessas representações de linguagens para esses sujeitos. Para tanto, este texto aborda parte dessa pesquisa, trazendo alguns cantos já analisados, relacionando-os aos sentidos e significados que eles expressam.

Palavras-Chave: *Pisadinha do Pé Firme*. Práticas de letramento. Sentidos e Significados.

INTRODUÇÃO

A fala e a escrita são duas modalidades da língua e, portanto, pertencem ao mesmo sistema linguístico. É válido salientar que há diferenças estruturais entre elas, pois cada uma traz particularidades de adequações ao local, ou momentos em que são usadas. Porém, isso não justifica o mito da supremacia da escrita diante da oralidade, como atividades opostas e não complementares. A partir da década de 80, os estudos que examinam a oralidade e a escrita mudam. Antes, as duas práticas da língua eram vistas como divergentes, favorecendo a supremacia, uma vez que para essa visão, cabia apenas à escrita valores relacionados ao conhecimento, desconsiderando a oralidade. Hoje, é necessário e fundamental que a investigação entre oralidade e letramento seja paralela, vendo nessas duas práticas uma relação direta com a língua e com os indivíduos, pois ambas são atividades complementares, que tornam possível a interação entre sujeito e seus contextos, de forma a possibilitar a desconstrução da língua como práticas sociais e não como modelos estruturalistas numa abordagem puramente funcional.

Entendendo que o letramento resulta do convívio do indivíduo em seu contexto social, político e cultural, faz-se necessário salientar como o grupo de samba de roda *Pisadinha do Pé Firme* utiliza das práticas de letramento para reafirmar e legitimar suas identidades, cultura, sentidos e significados. Ao produzirem as práticas de letramento, os participantes têm a apropriação de que aquela manifestação lhes pertence. É a cultura deles, a realidade, a vida lida e relida.

Já que a nossa reflexão é baseada na teoria crítica, a nossa intenção aqui é mostrar como a língua e a linguagem podem ser desmontadas e conseqüentemente remontadas a partir de outros olhares e espaços em que se configuram.

¹ Mestranda no Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II.

O Grupo *Pisadinha do Pé Firme*, do município de Irará, expressa a arte de viver através das várias manifestações de linguagem. A produção de seus cantos, suas performances, seus CDs e DVDs são exemplos de como a linguagem é presente, e de forma plural, no grupo.

Então, percebendo essas múltiplas linguagens criadas e recriadas pelos participantes desse samba de roda, traremos uma breve reflexão sobre os sentidos e os significados que essas práticas de leitura e escrita representam para o grupo em foco.

SENTIDOS E SIGNIFICADOS

Começaremos por dialogar com Luiz Antônio Marcuschi (2010), o qual fomenta o debate trazendo a língua como uma atividade sociointerativa e não como um sistema fechado, estrutural, permeado de regras. Assim, o autor analisa a língua colocando as relações existentes entre a oralidade e a escrita, defendendo a ideia de que a língua tem em uma das suas principais funções a de gerar sentidos. Sabe-se que a escrita permeia quase todas as práticas sociais dos povos, sendo assim, até mesmo os analfabetos participam de forma indireta de práticas escritas. A exemplo disso, temos em nosso contexto pessoas que passaram longe dos bancos escolares, mas que “leem”, uma vez que conseguem identificar elementos ao seu redor, mesmo sem decodificar. Ou seja, esses recursos mostram que o indivíduo analfabeto, além de estar inserido em diferentes eventos de letramento, participa das práticas, possibilitando-os a leitura do mundo, portanto são letrados.

Conforme Marcuschi (2010, p. 21), compreende-se que “o letramento é um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contextos informais e para usos utilitários, por isso, é um conjunto de práticas.” O sujeito letrado não precisa fazer esforços maiores para se comunicar e compreender o mundo ao seu redor e além de compreender, esses sujeitos interagem de forma significativa, transformando o seu espaço e empoderando-se enquanto agente social.

O samba de roda de Irará está inserido no universo letrado, com diversas práticas de escrita e leitura por meio de múltiplas linguagens. As performances, cuja importância está em valorizar a herança da cultura africana, o canto, as narrativas de vida, os documentos oficiais em torno do grupo em estudo, são textos que ampliam ainda mais a multiplicidade do universo letrado. Como já foi mencionada, a maioria dos participantes do grupo não domina a escrita. Alguns sujeitos apenas assinam o nome dominando apenas a codificação e a decodificação do próprio nome e palavras graficamente simples. Ressalta-se que os participantes estão imersos numa camada da população que participam da cultura não oficial e espontânea, e daí ser nomeado como “cultura popular”, são também em maior parte negros e não escolarizados, ou seja, um grupo minoritário e, portanto,

deixados à margem da oficial, a qual tem o poder de controlar. No entanto, as práticas do grupo valorizam seus participantes e designam poderes. Poder de ler o que não está escrito, poder de reler, transformar e resinificar. Nessa perspectiva de ter outros significados e sentidos a partir do seu contexto, situaremos então alguns cantos do *Pisadinha do Pé Firme*, relacionando-os aos sentidos que eles têm para o grupo.

Há signo toda vez que um grupo ou alguém usa linguagens, por exemplo, para veicular ou até mesmo afirmar/(re)afirmar outra coisa. Nesse grupo popular, encontrei nas práticas um meio para demonstrar o significado do samba e existência desse movimento para eles. Começando pela prática social oral que se manifesta com muita beleza, comoção e veracidade nos cantos do grupo. Esses cantos ou cantorias traduzem a sabedoria comum e individual por meio desses textos da palavra falada; a palavra deles que é acompanhada de imagens, expressões e performances. Dentre os vários pontos que podemos citar, iniciaremos um que traz relevância para o município de Irará, pois cantam o amor pela cidade, mesclando com o sincretismo religioso. Podemos perceber isso no canto que o grupo canta desde o *Lindro-amor*, a qual já foi citada. Além dessa, citaremos outra que condiz com uma tradução de amor e homenagem à cidade:

Irará, Irará, Irará meu grande amor Irará...
Irará, Irará, Irará meu grande amor Irará...
Eu ia viajar minha mamãe não quer deixar
Passei em Santo Amaro e cheguei no Irará

São pequenos versos que se repetem várias vezes acompanhados de batuques e performances que se dão sempre numa roda. Nesse canto é mencionada a cidade de Santo Amaro do Recôncavo da Bahia, fazendo referência às raízes do samba, já que foi seu Milton Preto que trouxe do recôncavo tal manifestação, além disso, eles reconhecem que a região tem em sua essência cultural o samba de roda.

E os sentimentos e homenagens não se restringem a esse canto, vejamos:

Eu vim aqui passear, eu vim aqui passear...
E eu baiana eu vim aqui passear...
Cheguei na lua nova, cheguei na lua nova
Cheguei, cheguei, cheguei na lua nova
Ninguém sabe de onde eu sou,
Eu sou da Bahia
Me mandaram, me chamar
Eu vou aqui guerrear, eu vou aqui guerrear
Oh de longe, bem longe eu avistei Irará
Eu avistei Irara, eu avistei Irará.

Percebe-se a importância dada ao espaço deles, tanto a cidade, quanto ao estado. Ser baiano para eles é orgulho, mais ainda de estarem participando da cultura baiana, e, por conseguinte “tá no samba da cultura”, nas palavras de D. Nena.

É interessante percebermos que, os participantes têm suas identidades reconstruídas. O grupo os torna sambadores, mas eles são também lavradores, iraraenses, letrados que usam a voz para se afirmarem numa sociedade burocrática. E tem no corpo a forma de expressarem o que guardam na memória. Isso nos remete às primeiras manifestações de samba de roda aqui na Bahia, quando os escravos, depois da labuta, assumiam outra identidade: a do negro que encontra nas performances o exercício de rememorar os momentos em sua pátria. As vozes nunca se calam, o corpo sempre retratará as expressões e, através da memória, as manifestações estarão sempre vivas e representadas nos cantos, nas palmas e no samba.

Outro ponto que podemos destacar é a amizade que se cria e recria entre os participantes e com as pessoas de fora, quem os recebe, por exemplo. Isso é tão forte no grupo, como se fosse um objetivo, mencionado nos cantos de saudação de chegada e saída. É cantado em casas e em outros lugares que não são os deles. Como exemplo, apresento o seguinte canto:

Vem cá vem vê
Vem vê a rapaziada,
Vem vê a chegada bonita,
Vem vê a bonita chegada
Vem vê a chegada bonita,
Vem vê a bonita chegada
Vem cá vem vê
Vem vê a rapaziada

Percebe-se que o texto anuncia o grupo, demarcando os laços de amizade, elencando palavras que convoca as pessoas assistirem às apresentações e manifestações culturais do grupo e seus participantes, ao evocar com muita veemência o prazer de fazer novas amizades por causa do grupo de samba.

A tradição do samba se constitui em vários textos com muitas vozes organizadas em signos que trazem suas identidades. Assim, compartilhar as tradições orais é uma forma de conservar as histórias, os mitos, a religiosidade, a ancestralidade e os costumes de um povo. É no texto cantado, oralizado que se transmitem os saberes de um povo.

Na conversa informal com Sr. Gilvan, ele deixa claro, desde as suas expressões de emoção e palavras, a alegria de ver o samba acontecer. Ele diz: “O samba de roda para mim é brincar cantando. A gente se alegra muito com os cantos, fazemos novas amizades...”. Não podemos de deixar de citar também D. Maria Esteves, também veterana do grupo, que ratifica as palavras do presidente quando diz:

Sambo porque gosto...ave Maria! Desde pequena eu sambo. Quando sambo é uma alegria gostosa, a gente esquece dos problemas, fazemos amizades no grupo e

fora, nas comunidades [...] me sinto muito bem em apresentar, na hora dos aplausos então!

As palavras desses sujeitos não nos deixam dúvida sobre o valor que o samba de roda representa para eles. O fato de serem vistos, assistidos, serem do Grupo *Pisadinha do Pé Firme*, possibilita a reafirmação do existir. Existir enquanto cidadão iraraense que participa da cultura, que se destaca por serem sambadores. Nessa dinâmica de existência e reexistência, percebemos mais uma vez a reconstrução de identidade.

Relacionando agora as práticas de letramento do grupo à valorização da escrita, encontramos nas narrativas elementos que ratificam o valor social que a palavra escrita instaura. No exemplo já citado de D. Nena, no capítulo anterior, quando a mesma guarda um panfleto com sua foto, temos, então o um gênero textual escrito produzido para legitimar as manifestações culturais do grupo, como: a escrita, as letras e as imagens que “legitimam” dentro dessa modalidade de língua, a existência do grupo. O texto apenas confirma e empodera D. Nena a sentir-se “famosa como uma artista”, valorizada por está no grupo e no panfleto. Esses significados contextualizados produzem sentidos e reafirmam a identidade e a memória do grupo de samba, além das práticas de letramentos multissemióticos.

Dentro das singularidades das práticas de letramento para o grupo *Pisadinha do Pé firme*, evidenciamos que o movimento do samba de roda também se constitui como agência de letramento, pois traz as experiências do grupo, que desempenha um papel social histórico, rico em sabedoria popular, com valores e intenções. No grupo, os participantes produzem cultura, identidades, preservam a memória e legitimam suas ações e atitudes. A esses valores e intenções, chamaremos, na concepção de Ana Lúcia Silva Souza de letramentos de reexistência. A esse respeito, a autora que traz um novo conceito para letramento, evidenciando que:

Os letramentos de reexistência mostram-se singulares, pois ao capitularem a complexidade social e histórica que envolve as práticas cotidianas de uso da linguagem, contribuem para a descentralização do que pode ser considerado como discursos já cristalizados em que as práticas validadas sociais de uso da língua são apenas as ensinadas e apreendidas na escola formal (SOUZA, 2011, p. 36).

Podemos então compreender que reexistência aqui é ir de encontro à cultura hegemônica, é reinventar seu lugar com suas reflexões, como autores da sua própria história e não como personagem de uma história que se instaurou como verdadeira. Através das práticas de reexistência, em cantar e dançar, e produzir DVD, livremente, sem passar por “conselhos”, votações, seleções mostra a reexistência, a luta produzir e fazer parte da cultura.

Ao fazerem isso, os sujeitos participantes do grupo iraraense, assumem novos papéis, com novas responsabilidades; a responsabilidade de manter o samba vivo, como afirmou D. Nena: [...]” se

o samba acabar a cultura da gente morre”. Não podemos deixar passar despercebido a apropriação que a sambadeira tem em falar do samba. O samba permite, através da prática de reexistência, “redimensionar suas identidades, resinificando papéis e lugares sociais a eles atribuídos por uma sociedade marcada por desigualdades raciais e sociais. “ (SOUZA, 2011, p. 157). Ainda na explicitação da autora, as práticas e ventos de letramentos de reexistência estão diretamente relacionadas às suas identidades contestadoras. Isso porque, além de resistir a um letramento formal, as práticas revelam a preocupação em enaltecer o pequeno interior da Bahia, e os humildes lavradores que fomentaram e fomentam o grupo. Enquanto que as práticas formais valorizam o que está dentro de uma cultura eurocêntrica, longe do contexto dos sambadores, que para a hegemonia, de uma sociedade branca e elitista não existem. Por isso, D. Nena, Sr. Gilvan, D. Maria e outros que não foram citados aqui, reexistem nas palmas, no samba, no canto... Existem em Irará.

Como diz Zumthor (2000, p. 76), “[...] transmissão é obra de uma personagem utilizando em palavra sua voz viva”. A recepção do texto oral ouvido se “faz pela audição acompanhada da vista, uma e outra tendo por objeto o discurso assim performatizado: é, com efeito, próprio da situação oral, que transmissão e recepção aí constituem um ato único de participação e co-presença” [...]. O ato de recriação para transmitir o que foi ouvido “em situação de oralidade pura, é entregue à memória, mas a memória implica, na reiteração, incessantes variações re-criadoras” (ZUMTHOR, 2000,p.76). Na tradição oral, “a criação ocorre na performance; é fruto da enunciação — de recepção que ela assegura. Veiculadas oralmente, as tradições possuem, por isso mesmo uma energia particular — a origem de suas variações”(ZUMTHOR, 1993, p. 143).

Vê-se que oralidade se complementa com as práticas de letramento. Oralidade e letramento são práticas sociais, culturais e plurais que historicizam as manifestações culturais do grupo Pisadinha do Pé Firme.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

O samba de roda acarreta vários sentidos que transcendem a interpretação escrita. As palavras escritas tornam-se exíguas diante da imensidão de emoções que há na roda, em cada movimento peculiar e verdadeiro do samba de roda.

Os sentimentos dos batuques ecoam em diversos espaços, carregados de sentidos e significados, traduzindo e expressando as formas de produzir a própria cultura. Esse movimento dinâmico reconstrói identidades e permite que os sujeitos sambadores e sambadoras estejam onde querem e no momento que querem estar.

Constatamos então que a cultura não é apenas uma viagem de redescoberta: é uma produção que tem sua matéria prima, seus recursos, seu trabalho produtivo. Isso permite que entendamos a cultura como um processo de formação e empoderamento permitindo que os sujeitos não sejam, mas se tornem o que desejarem.

REFERÊNCIAS

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita. Atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2010.

SOUZA, Ana Lúcia Silva Souza. *Letramento de resistência: poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP*. São Paulo: Editorial, 2011.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: A "literatura" medieval*. Trad. Amálio Pinheiro, Jerusa Pires. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

